

Encontro com Bandeira¹

Affonso Romano de Sant'Anna²

Eu tinha uns 17 anos. E Manuel Bandeira era, então, considerado o maior poeta do país. E com 17 anos é não só desculpável, mas aconselhável que as pessoas façam a catarse de seu sentimentos em forma de versos. Os reincidentes, é claro, continuam vida afora e podem pelos versos chegar à poesia.

Morando numa cidade do interior, eu olhava o Rio de Janeiro onde resplandecia a glória literária de alguns mitos daquela época. Então, fiz como muito adolescente faz: juntei os meus versos, saí com eles debaixo do braço e fui mostrá-los a Bandeira e Drummond.

Toda vez que, hoje em dia, algum poeta iniciante me procura, me lembro do que se passou comigo em relação a Manuel Bandeira. Para alguns tenho narrado o fato como algo, talvez, pedagógico. Se todo autor quer ver sua obra lida e divulgada, o jovem tem uma ansiedade específica. Ele não dispõe de editoras e é alguém que necessita do aval do outro para entender. E espera que o outro lhe abra o caminho e reconheça seu talento.

Ser jovem é muito dificultoso.

O fato foi que meu irmão Carlos, no Rio, conseguiu um encontro nosso com Bandeira. E um dia desembarco nesta cidade pela primeira vez, pela primeira vez vendo o mar, pela primeira vez cara a cara com os poetões da época.

Encurtarei a estória. De repente, estou subindo num elevador ali na av. Beira Mar, onde morava Bandeira. Eu havia trazido um livro com centenas de poemas, que um amigo encadernou. Naquela época escrevia muito, trezentos e tantos poemas por ano. E não entendia por que Bandeira ou Drummond levavam cinco anos para publicar um livrinho com quarenta e tantos poemas. A necessidade de escrever era tal, que dormia com papel e lápis ao lado da cama ou, às vezes, com a própria máquina de escrever. Assim, quando a poesia baixava nos lençóis adolescentes, bastava por os braços para fora e registrar. E de novo podia dormir aliviado.

¹ Publicada originalmente na coletânea de crônicas *Fizemos bem em resistir*, pela editora Rocco, em 1994.

² Jornalista, professor universitário, ex-diretor da Biblioteca Nacional, é considerado um dos mais importantes poetas brasileiros da atualidade. No exterior, lecionou em universidades na Califórnia, Köln e Aix-en-Provence. Seu talento foi confirmado pelo estímulo recebido de várias fundações internacionais como a Ford Foundation, Guggenheim, Gulbenkian e o DAAD, que lhe concederam bolsas de estudo e pesquisa em diversos países.

E-mail: affonsors@uol.com.br.

Blogs: <http://www.affonsoromano.com.br>; <http://www.lpm-blog.com.br/?tag=affonso-romano-de-santanna>.

Mas o poeta havia pedido aos intermediários que eu fizesse uma seleção dos textos. O que era justo. E Bandeira tinha sempre uma exigência: o estreante deveria trazer algum poema com rima e métrica, um soneto, por exemplo. Era uma maneira de ver se o candidato havia feito opção pelo verso livre por incompetência ou como conhecimento de causa.

Abriu-se a porta do apartamento. Eu nunca tinha estado em apartamento de escritor. A rigor não posso nem garantir se havia visto algum escritor de verdade assim tão perto. E não estava em condições emocionais de reparar em nada. Fingia uma tensa naturalidade mineira. O irmão mais velho ali ao lado para garantir.

A conversa foi curta. Tudo não deve ter passado de uns dez ou quinze minutos. Me lembro que Bandeira estava preparando um café ou chá que nos ofereceu. Havia uma outra pessoa, um vulto cinza por ali, com o qual ele conversava quando chegamos. Bandeira se levantava de vez em quando para pegar alguma coisa. E tossia. Tossia, talvez já profissionalmente, como tuberculoso convicto.

Lá pelas tantas, ele disse: – Pode deixar aí os seus versos. Não precisa deixar todos, escolha os melhores. Vou ler. Se não forem bons, eu digo, hein?!

– Claro, é isso que eu quero – respondi juvenilmente, certo de que ele iria acabar gostando.

Voltei para Juiz de Fora. Acho que não esperava que o poeta respondesse. Um dia chega uma carta. Envelope fino, papel de seda, umas dez linhas. Começava assim: “Achei muito ruins os teus versos”. A seguir citava uns três poemas melhores e os versos finais de “Poema aos poemas que ainda não foram escritos”.

Oh! Gratificação! Ele copiara com sua letra aqueles versos:

Saber que os poemas que ainda não foram escritos
virão como o parente longínquo
como a noite
como a morte.

Não fiquei triste ou chocado com sua crítica sincera. Olhei as bananeiras do quintal vizinho com um certo suspiro esperançoso. Levantei-me, saí andando pela casa, com um ar de parvo feliz.

Eu havia feito quatro versos que agradaram ao poeta grande.

A poesia, então, era possível.

Crônica gentilmente cedida pelo autor.